



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**A arte educação como instrumento de
comunicação e autonomia: relatos de uma experiência**

Mariana, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Autora: Bruna Macedo da Silva 19.2.3389

**A arte educação como instrumento de
comunicação e autonomia: relatos de uma experiência**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia - Departamento de Educação (DEEDU) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) como componente curricular Seminário VII, solicitado para obtenção total de aprovação na disciplina **EDU 171 - SEMINÁRIO VII: Conclusão de Curso** e requisito parcial para a obtenção do diploma do curso de Pedagogia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva.
Disciplina ofertada: Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos.

Mariana, 2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Bruna Macedo da Silva

A arte educação como instrumento de comunicação e autonomia: relatos de uma experiência

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 23 de março de 2023

Membros da banca

Profa. Dra. Fernanda A. Oliveira Rodrigues Silva - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos- (Universidade Federal de Ouro Preto)

Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 23/03/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2023, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0496401** e o código CRC **790B4CAB**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.003670/2023-70

SEI nº 0496401

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)35579435 - www.ufop.br

A arte educação como instrumento de comunicação e autonomia: relatos de uma experiência

RESUMO

O presente relato de experiência tem como finalidade compreender os jogos teatrais no processo de inclusão da pessoa com diversidade funcional e sua relevância nos espaços escolares e não escolares. A partir da experiência como bolsista de projeto de extensão e coordenadora de equipe na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Ouro Preto, percebemos que há uma falta de percepção dos sujeitos com diversidade funcional enquanto quem são e quem querem ser. Diante disso, a arte educação funciona como um facilitador para que esses sujeitos possam se expressar e se reconhecer. Nossa experiência aponta que o potencial da pessoa com diversidade funcional é pouco conhecido e incentivado e que precisa ser melhor compreendido a fim de preencher a lacuna existente na área da inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: APAE-Ouro Preto; Comunicação; Autonomia; Jogos Teatrais; Diversidade Funcional.

ABSTRACT

This experience report aims to understand theatrical games in the process of including people with functional diversity and their sanctity in school and non-school spaces. Based on her experience as a fellow for an extension project and team coordinator at the Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Ouro Preto, she demonstrated that there is a lack of perception of subjects with functional diversity in terms of who they are and who they want to be. Given this, art education works as a facilitator for these subjects to express and recognize themselves. Our experience has shown that the potential of people with functional diversity is little known and encouraged and that it needs to be better understood in order to fill an existing gap in the area of inclusion.

KEYWORDS: APAE-Ouro Preto; Communication; Autonom; Theatrical Games; Functional Diversity.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Primeiras palavras sobre a experiência | 5 |
| O que a história nos conta sobre a pessoa com diversidade funcional e suas lutas? | 8 |
| Em busca pela terminologia mais inclusiva | 12 |
| E a história da APAE-OP e seus sujeitos? | 13 |
| Como tudo aconteceu? Eu, eles e elas | 16 |
| Os jogos teatrais e os participantes | 21 |
| Conclusão | 24 |
| REFERÊNCIAS | 25 |

Primeiras palavras sobre a experiência

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire)

Pensando na produção e na construção do conhecimento da pessoa com diversidade funcional, o presente trabalho relata uma experiência, por meio da abordagem narrativa, que tem como finalidade refletir sobre a importância da arte educação no processo de comunicação e autonomia dos participantes com diversidade funcional quando mediatizados pelos jogos teatrais. A concepção de diversidade funcional (ROMAÑACH; LOBATO, 2005) se justifica por romper com os paradigmas capacitistas, modelo religioso e médico, e de segregação que sondam a pessoa com "deficiência" no campo da educação. Sendo assim, a diversidade funcional proporciona uma visão integral do processo na interação educativa.

O relato narrado diz respeito à vivência nas atividades desenvolvidas em equipe na APAE-OP (2020-2022) do Projeto de Extensão Cia da Gente (DEART/DEEDU/UFOP). Desde minha entrada no curso de Pedagogia (2020), me interessei pela temática de instrumentos que facilitam o processo de aprendizagem, de comunicação e de autonomia da pessoa com diversidade funcional.

Durante a graduação tive a oportunidade de trabalhar em um projeto de extensão que visa a autonomia e a interação dos sujeitos, por meio da arte educação. A instituição que acompanhei durante a maior parte do meu percurso acadêmico foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Ouro Preto (APAE-OP). Na APAE atuei pelo viés da arte educação com a utilização dos jogos teatrais e a elaboração de um espetáculo teatral final, que acontece anualmente em conjunto com a instituição acompanhada. Pude notar no processo das atividades o desenvolvimento da pessoa com diversidade funcional, principalmente de pessoas com paralisia cerebral, na sua forma de comunicação.

Entrei na Cia da Gente em julho de 2020, para a equipe que atua na APAE-OP. Nos anos de 2020 a 2021, as atividades aconteceram de modo remotas. Em 2022 retomamos as atividades presenciais, e foi o meu primeiro ano de atuação na instituição pela Cia da Gente. O projeto nasceu em 2005, criado por participantes das Artes e da Música que perceberam a falta de atividades artísticas educativas na comunidade. A Cia da Gente tomou forma e é estruturada e mantida pela Fundação Gorceix, coordenada pelos docentes Prof. Mestre Marco Flávio

Alvarenga (DEART-UFOP) e pela Prof^ª. Dr^ª Fernanda A. O. Rodrigues Silva (DEEDU-UFOP) e pela coordenadora discente Rosana Tossige (DEART-UFOP). A Cia iniciou com atividades de arte educação nas instituições ouropretanas da APAE, do Lar São Vicente de Paulo e no Hospital Municipal especificamente com a palhaçaria. Em 2015 passou a atender o Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil – Capsi. Em 2018 incorporou o Cadom, no qual atende o grupo Coral Infante Juvenil e o grupo de Violões. Em 2019, a Comunidade da Figueira - Mariana começou a fazer parte do atendimento do projeto. O projeto é composto por 22 estudantes dos cursos de Artes Cênicas, Música, Pedagogia, Educação Física, Serviço Social e Comunicação da UFOP que se dividem em equipes multidisciplinares. Todas as equipes atuam pela arte educação nesses espaços. Cada equipe é responsável pelo planejamento e desenvolvimento das atividades, assim como atender as demandas da instituição voltadas para a arte educação.

Neste contexto, estando no projeto Cia da Gente e fazendo o uso de jogos teatrais, avalio que contribui para a interação e a participação destes dos sujeitos com diversidade funcional uma vez que a arte educação provoca a reflexão e aponta que há várias formas de comunicação e de expressão, sejam elas corporais ou faciais.

Algumas perguntas surgiram no decorrer de minha vivência na Cia: é possível perceber no dia a dia da APAE-OP o uso de instrumentos que favoreçam a compreensão das relações comunicacionais das pessoas com diversidade funcional? E como contribuir para a autonomia, comunicação e participação da pessoa com diversidade funcional nos espaços que muitas vezes não são acessíveis e inclusivos?

Diante dessas inquietações, descobri por meio da literatura, que os jogos proporcionam trocas constantes, propiciam maior autonomia e interação entre os participantes. Isso é confirmado nos estudos de Martins (2021), por exemplo, com pessoas com diversidade funcional, no qual aspectos conquistados através da ferramenta de jogos teatrais, demonstrou que:

As dificuldades de memorização encontradas no caso da Helena em cena indicam uma consequência da hierarquização no processo criativo e da forma com que o texto e a personagem foram apresentados para ela. Entretanto, esse grande passo em relação a segurança e dicção da Helena foi um dos pontos positivos desse processo (MARTINS, 2021, p.23).

O teatro e os jogos teatrais podem ser considerados instrumentos que possibilitam a autonomia do sujeito com diversidade funcional. Para tanto, foi necessário pesquisar ferramentas facilitadoras do processo de ensinar e de aprender desses indivíduos, a fim de que contribuam de maneira a assegurar os pressupostos da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº

9.394 e da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015, alcançar as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao seu tempo. Afinal, se não há acessibilidade, o meio também é deficiente (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2010). Sendo assim, levando em consideração que as pessoas com diversidade funcional intelectual são seres de direitos como todos os outros, como consta na LBI, faz-se necessário estudar e pensar em maneiras para que esses participantes possam aprender, desenvolver autonomia e interagir em diferentes espaços.

Como pensado por Paulo Freire (2014), deve-se investigar quais recursos são os preferidos para o desenvolvimento da pessoa com diversidade funcional. Isso se justifica, uma vez que o uso contínuo de recursos pouco significativos pode tornar o processo de aprendizagem além de desinteressante e corre-se o risco de ser reforço de posturas capacitistas. Ao escrever esse relato de experiência, viso interrogar paradigmas que cercam a pessoa com diversidade funcional, trazendo reflexões sobre o termo deficiente e como ele transmite ideias de palavras cruéis, como não válido ou pessoa que falta algo, entre outros (ROMAÑACH; LOBATO, 2005). As pessoas com diversidade funcional, são pessoas de vontade, sonhos, desejos e objetivos e, durante a minha vivência, pude notar como a arte educação contribui para a autonomia desses participantes, seja quando eles recusam participar da atividade ou até quando abrem discussões sobre o capacitismo e as experiências vividas diariamente.

Organizando o Relato de Experiência (RE)

O trabalho foi desenvolvido em algumas etapas, no modelo relato de experiência (RE) para melhor aproximação da problemática e assim possibilitar outras compreensões. De acordo com Freitas et al (2021).

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica” (FREITAS et al. 2021, p. 6).

Freitas *et al* (2021), ainda discorrem que “no RE como expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, é reconhecida a importância de discussão sobre o conhecimento” (FREITAS et al, 2021, p. 4). Como se pode perceber, o relato de experiência é uma narração das experiências e vivências com alguma

temática, focando no ponto de vista de quem está narrando ou relatando. Portanto, o relato de experiência, enquanto ferramenta da pesquisa qualitativa, permite que se tenha melhor direcionamento nos dados que se quer obter sobre a experiência de uma pessoa. Flick (2008), descreve que

Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos (FLICK, 2008, p. 23).

O tema do relato de experiência é relevante, pois visa contribuir com a reflexão sobre práticas vivenciadas em qualquer ambiente e com pessoas diversas. Esse relato tem como objetivo contribuir tanto para a autonomia, a comunicação e a participação das pessoas com diversidade funcional em espaços pouco acessíveis e inclusivos.

Para tanto, o relato identifica os sujeitos com diversidade funcional que participam pouco ou não das atividades de arte educação na APAE-Ouro Preto. Os objetivos na realização dos jogos teatrais são: a) propiciar aos sujeitos momentos de contato com a arte educação; b) identificar as diversas formas de participação nas atividades e c) descrever as diversas formas de participação das pessoas com diversidade funcional.

Sendo assim, as escolhas para o relato produziram um trabalho organizado em 7 etapas. A primeira apresenta a elaboração do projeto de atuação na APAE, a segunda a pesquisa bibliográfica, a terceira a revisão da pesquisa bibliográfica, a quarta as atividades desenvolvidas na APAE, a quinta a descrição das atividades desenvolvidas na instituição, sexta a análise das atividades e a última a escrita do relato.

Este texto começa com uma breve passagem dos movimentos de lutas e acesso na história da pessoa com diversidade funcional, em seguida a apresentação da APAE-OP e seus sujeitos. No seguinte tópico conheceremos um pouco sobre a bagagem da autora no projeto entre 2020 a 2022, após essas contextualizações iremos mais a fundo no relato e nas vivências, descrevendo atividades desenvolvidas com os apaeanos (modo como eles se intitulam), a interação proporcionada e como esses corpos reagiram ao jogos teatrais, e por fim a conclusão.

O que a história nos conta sobre a pessoa com diversidade funcional e suas lutas?

Ao longo do tempo, a pessoa com diversidade funcional vivenciou diversos pontos de vista sobre sua condição. Atualmente, a forma como se pensa ou se age ainda pode vir dessas

concepções. Há quatro modelos predominantes: o religioso, o médico, o sociocultural e o biopsicossocial. Cada um desses modelos interfere no processo de escolarização, algumas vezes, uns mais que outros. De acordo com Capellini e Mendes,

O período da segregação nasceu, como nos lembra Pessotti (1984), com o objetivo de oferecer tratamento médico e aliviar a sobrecarga familiar e social, não propriamente para oferecer educação. Neste sentido a educabilidade de tais pessoas ficava reduzida a iniciativa da área médica e, geralmente acontecia em instituições religiosas ou filantrópicas, com o consentimento governamental, mas sem qualquer tipo de envolvimento do poder público. Nesta época esperava-se que as práticas educativas especiais curassem as deficiências, gerando comportamentos normalizados (CAPELLINI; MENDES, 2006, p. 3)

Esse excerto remete às perspectivas de deficiência de acordo com os modelos médico e religioso, que se apoiam na ideia de cura pela fé ou pela ciência. Outro ponto é a ideia de “normalidade”, de um "padrão", que faz com que se sinta a necessidade de rotular as pessoas em volta e não dar chances de a conhecer, ou seja, é focado na deficiência e não na pessoa (PEREIRA, 2008).

Segundo Pereira (2008), o modelo religioso, analisa por meios das crenças, dos mitos e do místico. Essa perspectiva vê a “deficiência” ora como algo punitivo, ora como uma bênção. Como punição acredita-se que a pessoa ou alguém da família fez algo para merecer a sua “condição”. Como bênção é vista de forma de aprendizado para a pessoa ou seu familiar, sendo explicada como uma vontade divina (PEREIRA, 2008).

Pereira (2008) ainda expõem os outros 2 modelos, o médico, que tenta explicar os fenômenos da realidade com base no "padrão da normalidade”, tentando curar o corpo e acaba por não olhar para o sujeito. O social, quebra um pouco esse pensamento de ser culpa da pessoa ou da sua família, e começa a criticar ou a culpabilizar a sociedade, pois acredita-se que a “deficiência” foi criada pela cultura, então o problema está na sociedade e não no sujeito (PEREIRA, 2008).

Em conformidade com os autores Maia e Santos (2010, p. 9-10) a biopsicossocial, tenta considerar as três perspectivas, a biológica (o corpo), psicológico do sujeito (o emocional e os sentimentos), e a social (os impedimentos), fazendo com que o sujeito seja pensado em sua amplitude, considerando o sujeito e sua subjetividade (MAIA; SANTOS, 2010, p. 9-10).

No decorrer do tempo, houve a criação de espaços especializados para atender as pessoas com diversidade funcional, como aponta Aranha (2000) citada por Capellini e Mendes. Foram as “escolas especiais, clínicas de reabilitação, oficinas protegidas de trabalho, clubes sociais especiais, associações desportivas especiais” (CAPELLINI; MENDES, 2006, p. 4-5). Esses

espaços foram conquistados pela luta dos movimentos das minorias que ocorreram na história, um deles aconteceu nos Estados Unidos pelas pessoas com diversidade funcional, pelos seus familiares, amigos e profissionais da área que ganhou forma e contribuiu para que, em 1975, fosse aclamada a Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência, um amparo legal importante a esses sujeitos que impulsionou o surgimento de outras reformas e conquistas de direitos da pessoa com diversidade funcional (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2010).

O avanço dos movimentos sociais trouxe algumas reflexões sobre diversos aspectos que envolviam as minorias que lutavam por acesso aos seus direitos e isso possibilitou também a busca pelos direitos da pessoa com diversidade funcional. Com os feridos das guerras acontecidas no século XX, esses sujeitos precisaram ser vistos de forma a continuarem a contribuir economicamente. Com isso, a pessoa com diversidade funcional ganha espaços, mas era preciso alcançar algum nível do “padrão da normalidade” que era imposta. Como aponta Canziani (1995) relatado por Capellini e Mendes (2006) “o homem passou da concepção de invalidez para uma visão de pessoa útil ou inútil, apto ou inapto, baseado no modelo do capitalismo” (CAPELLINI; MENDES, 2006, p. 4)

A história da pessoa com diversidade funcional no Brasil, segundo Capellini e Mendes (2006) é registrada desde 1600 em São Paulo em instituições com atendimento “especial” e com o passar do tempo houve evolução na educação destinada às pessoas com diversidade funcional. No período entre 1854 a 1956, temos duas instituições que são ainda hoje (2023) reconhecidas, como o "Imperial Instituto para Meninos Cegos" atualmente conhecido como “Instituto Benjamin Constant”, o “Imperial Instituto dos Surdos Mudos” na atualidade chamado de “Instituto Nacional de Educação de Surdos” (INES) (CAPELLINI; MENDES, 2006, p. 6).

A primeira carta magna brasileira que é a constituição de 25 de março de 1824 prevê o direito à educação primária e gratuita a todos, mas não foi assegurado esse direito de acesso à educação popular e muito menos a uma educação digna para a pessoa com diversidade funcional. Esse cenário perdurou até a Constituição Federal de 1988 (CAPELLINI; MENDES, 2006).

Com a chegada do movimento da escola nova (1920-1930), a educação naquele momento sofreu muitas críticas. A psiquiatra Maria Montessori (1870-1952), uma das pensadoras desse movimento, criou instrumentos com materiais do dia a dia que auxiliassem na aprendizagem de participantes com diversidade funcional da época, no espaço de estudo que ela possuía

naquele momento. Maria Montessori quebrou paradigmas para o seu tempo, um deles é que ela foi a primeira mulher da Itália a se formar em medicina (SOUSA et al., 2014).

De 1960 a 1970, com os movimentos por direitos em diversos países, o atendimento especializado ganhou algumas modificações. Esses atendimentos, por meio do modelo médico e religioso, passaram a ter um olhar também para a educação da pessoa com diversidade funcional e com isso algumas instituições foram criadas para atendê-los com a intenção de integrá-los, como a Sociedade Pestalozzi, a AACD (Associação de Assistência à Criança Defeituosa) e a APAE (Associação de Pais e Amigos do Excepcional). Tais instituições oferecem atendimento direcionado para a saúde e para a educação, por meio de acompanhamento dentro da instituição, onde os participantes possuem acesso ao ensino não regular (CAPELLINI E MENDES, 2006).

A primeira APAE no Brasil surgiu em 1954 com o apoio dos pais e amigos das associações dos Estados Unidos. Essas instituições precisaram ser construídas, pois o estado não assegurava o direito e não se responsabilizava pela pessoa com diversidade funcional intelectual, então esses espaços foram idealizados para que as famílias tivessem apoio e que os sujeitos pudessem ter acompanhamento e atendimento especializado (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2010).

Na década de 1970, se percebeu a necessidade de políticas públicas para a educação das pessoas com diversidade funcional. Em 1980, apoiadores da causa da pessoa com diversidade funcional foram a luta por direitos iguais e de integração, embora a última não se concretizou de fato (CAPELLINI E MENDES, 2006).

Na década de 1980, o Brasil conquistou alguns direitos por meio da Constituição de 1988, de acordo com a Mantoan (2003) a:

Constituição Federal de 1988 respalda os que propõem avanços significativos para a educação escolar de pessoas com deficiência, quando elege como fundamentos da República a cidadania e a dignidade da pessoa humana (art. 1º, incisos II e III) e, como um dos seus objetivos fundamentais, a promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (art. 3º, inciso IV). Ela garante ainda o direito à igualdade (art. 5) e trata, no artigo 205 e seguintes, do direito de todos à educação. Esse direito deve visar ao “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Além disso, a Constituição elege como um dos princípios para o ensino “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (art. 206, inciso I), acrescentando que o “dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um (BRASIL, 1988, art. 208, inciso V).” (MANTOAN, 2003, p.22).

O acesso à educação em 1988, portanto, também é previsto na Constituição e os artigos que a compõem abrangem garantias de direitos que englobam todos os sujeitos e foi uma grande realização em um documento importante para a sociedade (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2010).

A educação especial e inclusiva passa, então, às demais leis como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, que prevê a inclusão dos participantes com diversidade funcional no ambiente escolar, e mais recentemente a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015, que tem como base “assegurar e promover condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). As lutas pelas pessoas com diversidade funcional trazem grandes conquistas, embora ainda seja preciso avanços em inclusão e acessibilidade.

Em busca pela terminologia mais inclusiva

As pessoas com diversidade funcional foram chamadas de diversas maneiras. Esses termos aparecem para identificar os sujeitos que não se adequaram ao “padrão da normalidade” que era e é imposto ainda atualmente. O termo diversidade funcional é uma tentativa de diminuir o capacitismo que os termos atuais e antigos abarcam, tentando trazer reflexão sobre eles. Os autores Romãnach e Lobato (2005) apontam que o termo deficiente contempla as palavras: déficit, limitação, restrição, barreira e incapacidade, ocasionando o capacitismo já na forma de tratamento do sujeito. Segundo os autores, o termo diversidade funcional é uma tentativa de mudar essa realidade, mesmo que não tenha encontrado um lado neutro ou positivo do termo diversidade funcional, ela se enquadra na realidade das pessoas, de forma diferente ou diversa da maioria da sociedade, considerando suas diferenças, trajetórias e suas problemáticas.

Segundo Jannuzzi (1985) mencionada por Pletsch (2014, p. 3-4): “consideramos que a troca de um termo por outro amortece temporariamente a sua conotação pejorativa, mas não necessariamente resulta em mudanças concretas e melhoria nas condições de vida e escolarização desses sujeitos.” Como se pode notar, a palavra deficiente trás uma conotação negativa sobre o sujeito conforme aqui já mencionado e a luta destas pessoas é constante pela visibilidade para além da falta. Ao chamar uma pessoa de um termo pejorativo isso acarretará na visão que a sociedade tem desse sujeito, ocasionando o capacitismo e a exclusão desses indivíduos.

E a história da APAE-OP e seus sujeitos?

Os movimentos sociais que visam as lutas das minorias, no percurso de um longo tempo, contribuíram e contribuem para a conquista de direitos, de melhoria dos espaços, de atendimento e de interação dos indivíduos na sociedade. E com isso, a luta da pessoa com diversidade funcional, tem ganhado cada vez mais espaço, embora ainda haja muita luta. A pessoa com diversidade funcional, ainda sofre preconceitos na sociedade o que ocasiona muitas das vezes na exclusão deste indivíduo até na sala de aula (SECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA, 2010).

A concepção de diversidade funcional que abordamos algumas vezes nesse relato se justifica por romper com os paradigmas capacitista, religioso e de segregação que sondam historicamente a pessoa com deficiência no campo da educação. A diversidade funcional proporciona uma visão integral do processo na interação educativa (ROMAÑACH; LOBATO, 2005).

Gonçalves e Vilela (2022) afirmam que a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto foi fundada pelo farmacêutico Hélio Harmendani, em 17 de novembro de 1982. A APAE-OP nasce da necessidade da comunidade em atender e amparar crianças, jovens, adultos e idosos com deficiência intelectual e múltiplas. Seu objetivo principal quando foi fundada era a integração e a orientação das pessoas com deficiência na localidade, a qual atendia e atende os participantes em três turnos manhã, tarde e noite, de segunda a sexta. Atualmente tem atendimento fisioterapêutico, psicológico, educacional entre outras (GONÇALVES; VILELA, 2022).

Segundo os dados apresentados por Gonçalves e Vilela (2022) as atividades da APAE-OP ocorrem pela gestão híbrida, na qual os autores descrevem sendo 98% de seu funcionamento é assistido pela prefeitura de Ouro Preto, ainda possui o auxílio da organização não governamental, doações da comunidade e pelas parcerias com o governo do estado de Minas. A APAE-OP atende em torno de 225 participantes, seu quadro de funcionários inclui 33 servidores disponibilizados pela rede estadual de ensino, 7 disponibilizados pelo município e 33 contratados (GONÇALVES; VILELA, 2022).

A estrutura física da APAE- OP considero pouco acessível, pois algumas portas não passam cadeiras de rodas, o monitor tem que fazer a mágica dele para conseguir passar. Algumas partes da escola precisam de reformas para ter mais acessibilidade e dar mais autonomia para os participantes. A instituição possui alguns espaços acessíveis como a ala da fisioterapia e

uma piscina de água quente para os participantes fazerem os exercícios de fisioterapia. A quadra foi reformada a pouco tempo, e podemos perceber que a mais acessibilidade nela, pois todos os participantes conseguem acessar, embora a entrada seja estreita (CIA DA GENTE - APAE/OP 2021).

São 225 participantes com diversas especificidades e que carregam consigo vivências e experiências únicas. Como a Bianca, que tem movimentos reduzidos e “dificuldade” na fala. Ela é muito competitiva e ama participar dos jogos, contar histórias e casos, mas também de ouvir histórias. Os olhos de Bianca brilham ao ouvir histórias de princesas guerreiras, seus olhos e ouvidos se mantêm atentos, de tal modo que se lembra com precisão de cada detalhe. Bianca tem uma amiga e as duas são “terríveis” juntas. Prestam atenção em tudo. Se alguém cair na frente delas, derrubar algo ou tropeçar, elas irão dar a maior e mais gostosa gargalhada. André tem pouca mobilidade nos braços e nas pernas. Ele participa de tudo, aborda assuntos como o capacitismo e corre atrás dos seus direitos e dos seus amigos. Ele não gosta de ficar parado e ama o teatro, inclusive, quer estudar teatro quando terminar a escola. Davi, quando chegamos, era usuário de cadeiras de rodas, no meio do ano ele começou a dar alguns passos com apoio.

São incontáveis histórias e experiências que toda aula eles nos mostram um pouco e dividem conosco por meio das histórias, da participação dos jogos ou na ansiedade para apresentar no dia do espetáculo. Esse é o lar, o ponto de encontro desses participantes, no qual a imaginação toma conta e seus corpos ganham espaço para a liberdade de ser, estar e expressar-se nos jogos teatrais e na apresentação do espetáculo.

Jogos teatrais e o vir a ser

Tendo em vista o cenário atual e todo o contexto histórico, nota-se que a falta de pesquisas, possibilidades e instrumentos que auxiliem no processo de aprendizagem, dificultam o desenvolvimento das habilidades específicas previstas na BNCC e na LBI, além da falta de compreensão de como esses indivíduos aprendem. A temática sobre a arte educação como instrumento de comunicação e autonomia também pode ser uma ferramenta no processo de ensino aprendizagem e é de suma relevância, como pontua Pereira et al (2018), que “a importância de implementar estudos que visam compreender melhor o processo de inclusão, bem como de agregar mais eficácia a esse processo” (PEREIRA et al, 2018, p.11).

Barros et al (2019, p. 2) descreve sobre a importância do teatro na educação, e seus benefícios aos sujeitos, como por exemplo a linguagem é uma delas, o teatro ainda pode proporcionar “a promoção do desenvolvimento integral dos indivíduos nos aspectos cognitivo, emocional-afetivo e social” (BARROS, 2019, p. 2). Já os jogos teatrais são grandes colaboradores no processo de desenvolvimento da personalidade dos participantes. Os autores, ao longo do texto, ainda complementam que o teatro tem que se levar enquanto disciplina de artes em sala de aula, como previsto na LDB 9394/96. No trabalho pedagógico o teatro como ferramenta tem que ser algo divertido, lúdico e que propicie o conhecimento de diversas formas.

Segundo Martins,

A forma de trabalhar o teatro para a conscientização das opressões é uma das grandes possibilidades de trilhar o caminho para a autonomia. Para além das técnicas e da metodologia do Teatro do Oprimido utilizadas por Boal, a própria arte teatral, quando feita com os oprimidos, é uma possibilidade para ver-se em um todo (coletivo) e entender que cada um, cada individualidade, faz parte daquele todo. “Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. (MARTINS, 2021, p. 21)

O teatro é elemento que auxilia na autonomia e no desenvolvimento do sujeito, conforme Martins aborda acima. Outro ponto importante é os jogos teatrais, que têm sido uma grande ferramenta na comunicação com os participantes com diversidade funcional, contribuindo para que o sujeito entenda seu corpo e as várias formas de expressão, inclusive a corporal.

Ainda de acordo com Martins,

As dificuldades de memorização encontradas no caso da Helena em cena indicam uma consequência da hierarquização no processo criativo e da forma com que o texto e a personagem foram apresentados para ela. Entretanto, esse grande passo em relação a segurança e dicção da Helena foi um dos pontos positivos desse processo. (MARTINS, 2021, p. 23)

No processo o desenvolvimento de Helena é perceptível ao longo dos ensaios e da preparação, o teatro contribuiu para uma melhor dicção, para a autonomia e para a interação com os demais colegas.

A arte educação tem contribuído cada vez mais para histórias como a da Helena, que ao longo do processo e das intervenções dos integrantes da cia, auxiliou para que a Helena aos poucos conseguisse participar da melhor forma, e com isso fez com que Helena fizesse parte de todo processo e compreendesse a importância daquele momento, na qual no final foi a apresentação da peça teatral "Saltimbancos".

Como tudo aconteceu? Eu, eles e elas

Entrei para o curso de Pedagogia por me identificar com a educação inclusiva e ter vontade de trabalhar e estudar mais sobre essa área. Durante a graduação, no segundo semestre, participei da seleção do projeto de extensão Cia da Gente, que é financiado pela Fundação Gorceix. Fiz a inscrição para participar da equipe do Capsi e da APAE-OP e fui aprovada na seleção da APAE-OP.

O projeto de extensão

Cia da Gente tem por finalidade o desenvolvimento de projetos de ações sociais de caráter artístico, cultural e pedagógico por meio de atividades permanentes, semanalmente executadas junto aos cidadãos atendidos por Instituições assistenciais, de saúde e socioeducativas de Ouro Preto e região. (FUNDAÇÃO GORCEIX, 2017).

Comecei minhas atividades no projeto na pandemia, no isolamento social. Os bolsistas, impossibilitados do contato com os participantes por diversos fatores que serão explicados mais à frente, se dispuseram a estudar mais sobre a temática pessoa com “deficiência”, sobre a qual surgiram conversas e trocas interessantes e importantes para o meu desenvolvimento e minha formação.

No ano de 2020 (ano que entrei no projeto) e 2021, foi o período mais crítico da pandemia, a Covid-19¹ deixou sequelas e diversas mortes pelo mundo, e, com isso, foi necessário mudar a forma de atuação nos locais de atendimento presenciais e de contato com o outro, pois o vírus é transmitido pelo ar e o contágio pode ser passado de uma pessoa para outra.

Em 2020 as atividades passaram a ser impressas e com comandos para serem feitas em casa, sendo enviadas em conjunto com as atividades dos professores da instituição. A equipe, porém, não tinha retorno sobre as atividades e somente no final do mesmo ano foi informado que uma boa parcela dos pais dos participantes não eram alfabetizados, e muitos dos participantes também não, o que ocasionou ansiedades e agitação nos participantes pelo acúmulo de atividades enviada.

Em 2021 a equipe pensou em novas estratégias para atender aos participantes por meio das atividades em encontros virtuais via Google Meet. Poucos participantes tinham acesso aos

¹”A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas” (OPAS -OMS, 2021).

equipamentos ou à internet para acessar a plataforma. Nesse período, a equipe que eu participava conseguia atender entre 5 a 2 participantes semanalmente com atividades arte educativas e de compreensão.

Em 2022 as atividades presenciais retomaram aos poucos, com cuidado, álcool em gel e máscaras. Uma das músicas do Cia ganhou uma nova versão para chamar os participantes para participar das atividades. O que antes era uma festa com abraços, nesse momento era um toque de mão e logo após passa-se o álcool em gel, os sorrisos escondidos e as vozes abafadas atrás das máscaras, o olhar se tornou o abraço e o sorriso, estávamos todos aprendendo a conviver novamente. Depois de muita espera e desejo dos participantes da volta do teatro, no final do ano, conseguimos apresentar uma peça musical referente aos 40 anos da APAE-OP, este será o período relatado aqui neste trabalho.

Segundo de Araújo e da Silva (2020) o trabalho do teatro na educação especial tem que ter

[...] atributos para a realização de uma prática educativa incluindo ludicidade, desenvolvimento da coordenação motora, as percepções sensoriais, o autoconhecimento e a expressão corporal fazem parte desta busca e de fazer com que o participante se sinta incluído ao longo deste fazer. (DE ARAUJO; DA SILVA, 2020, p. 3)

Pensando nisso, a equipe semanalmente se reúne para escolher atividades que propiciem o movimento, a consciência corporal e de espaço, as atividades que auxiliem na comunicação entre eles e conosco e que contribuam para a participação dos sujeitos. Farei um pequeno comparativo de jogos do ano de 2021 (Remoto) a 2022 (Presencial). No ano de 2021, atendemos aos participantes de forma remota, pela plataforma do Google Meet, na qual ensinamos a usar a ferramenta e a se perceber no espaço da câmera, a partir de jogos de liga e desliga câmera e microfone, e de posicionamento espacial, como muito perto da câmera ou muito longe, e até mesmo a percepção visual, de até onde eles conseguiam ou não me ver. A equipe ficou trabalhando nisso durante 2 meses, uma vez na semana, até os participantes entenderem como funcionava aquele espaço (CIA DA GENTE - APAE/OP 2021).

Passamos para as atividades de expressão do corpo e facial e de consciência corporal, pois notamos que com a pandemia, aumentaram os casos de agressões nas casas. Vieira, Garcia e Maciel (2020) apontam que em março de 2020 houve o aumento de 18% de denúncias de violência doméstica. Em 2021, alguns jornais como R7 e Estadão (Vencer sem limites) publicaram sobre o aumento de casos de violência contra a pessoa com deficiência. Visando que isso pudesse estar ocorrendo com nossos estudantes, pensamos em trabalhar o

conhecimento do próprio corpo e algumas histórias sobre a violência. Ao trabalhar a auto descrição, notamos que os participantes tinham dificuldades de falar sobre e suas características. Então, a equipe continuou a trabalhar com a auto descrição e com jogos de se descrever para o outro e o outro te descrever. Atividades com música e passos já elaborados, eram o que mais chamavam, e ainda chamam, a atenção dos participantes. Inclusive a partir disso, notamos que a maioria dos participantes tem uma ótima memória corporal, o que nos motivou a sempre levar música com passos (TikTok) para que os participantes possam levar suas músicas e coreografias e, em algumas aulas, eram os participantes que conduziam (CIA DA GENTE - APAE/OP 2021).

Algo marcante para mim, foi a atividade de reconhecimento das letras do próprio nome. Os 3 participantes que participavam ativamente nos encontros pelo Google Meet, não reconheciam seus nomes e nem o animal que estava na arte desenvolvida ludicamente. O que nos levou a trabalhar mais com atividades pedagógicas ligadas ao reconhecimento das letras, seu respectivo som e associação da letra, imagem e som. Outra atividade potente foi o jogo das profissões. Os participantes não conheciam a palavra “profissões”. Começamos a levar várias possibilidades na qual eles poderiam se identificar com base no que trouxeram ao longo dos jogos. Um dos participantes nos relatou que queria estudar Teatro, então, contamos sobre a possibilidade de fazer o ENEM e tentar vaga na universidade que fica pertinho deles. Eles ficaram surpresos ao saberem que o ensino em tal universidade era gratuito e isso os deixou felizes, pois não teriam como arcar com os custos (CIA DA GENTE - APAE/OP 2021).

Em 2022 retornamos com as atividades presenciais. Tínhamos que conhecer o local e os participantes para elaborar as atividades de modo mais assertivo com as necessidades deles. Na segunda semana de atividades, em fevereiro, levamos um livro chamado "Contos de fadas para garotas corajosas" (Reconto Ganeri; Anita, 2021), o qual possui 15 histórias de conto de fadas de diferentes mulheres. Escolhemos 3 histórias para que os participantes pudessem identificar qual delas seria contada. Eles participaram animadamente da votação, embora não conhecessem as histórias deles, escolheram pelo nome de cada uma das histórias apresentadas. A votação foi feita contando quanto mais movimentação quando o nome era anunciado. A mais votada foi “A princesa, os comerciantes e o armário muito inusitado” (GANERI; ANITA, 2021). Ao contar a história havia uma interação com os participantes e as ilustrações do livro, os participantes tentaram resolver os mistérios/problemas que apareceram na história (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Bianca e sua amiga Ana foram as que mais participaram neste dia. Respondiam todas as questões, mesmo com mobilidade reduzida e “dificuldade” na fala, elas se comunicavam por

gestos, expressões faciais e com alguns sons que surgiam. Ao terminar a história, retomamos alguns pontos para trabalhar a memória e a interpretação com os participantes. Logo após passamos uma atividade de pintura em folha. Para a Bianca e sua amiga, entregamos tinta guache para que elas pudessem sentir a textura e para que fizessem seus desenhos tomando consciência de espaço (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Ao longo do ano notamos o desenvolvimento de Bianca tanto na produção de sons quanto no controle de seus movimentos e das mãos ao usar a tinta ou lápis. Daniel é do espectro autista e está no mesmo turno de Bianca. Ele dificilmente participa das atividades. Geralmente ele usa esse momento para andar pela escola. Nesse dia da pintura ele pegou várias cores e com as mãos sentia a textura e fazia movimentos na folha até acabar com todas as tintas. Essa foi a primeira vez que ele se aproximou e conversou com a equipe para pedir mais tintas ou mostrar seu desenho. Daniel sempre participava quando tinha atividades artísticas com pintura ou massinha. Ele ama misturar a massinha todas em uma só e perceber que se tornaram cinzas, então logo vinha atrás da equipe querendo mais massinhas coloridas (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Mexer com tinta é uma tarefa de conhecimento de texturas, do frio e do quente, de como fica em suas mãos e das cores como quando você usa várias cores em um papel e percebe se tocarem. Desse modo, é importante que o participante se sinta confortável e que tenha autonomia para conhecer os materiais expostos, mas é necessário um acompanhamento para que se possa analisar o desenvolvimento do participante e para que a aprendizagem ocorra de maneira correta nesses momentos que parecem só “diversão” (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

André e sua turma escolheram a história “Unanana e o Elefante” (Ganeri; Anita, 2021) que se trata da busca de uma mãe para encontrar seus filhos. Na contação surgiram algumas discussões sobre a história e os participantes trouxeram coisas do seu dia a dia, como a luta constante de suas famílias em busca de seus direitos e o quanto eles fazem por eles. Notamos a clareza e o conhecimento dos participantes sobre o capacitismo e sobre a luta dos direitos da pessoa com diversidade funcional, como por exemplo quando os participantes falaram sobre o capacitismo que nota no seu dia a dia, a forma que as pessoas olham para eles e por estudarem na APAE.

Além disso, falaram sobre a luta de classes e sobre questões raciais, lembrando que essa turma é constituída por, majoritariamente, pessoas pretas. Essas questões levantadas pelos participantes nos levaram a refletir e a fazer novas discussões sobre assuntos que eles nos traziam diariamente. André é bem ativo nas conversas, nas pautas sobre conscientização,

capacitismo e preconceito racial, em vários momentos André e sua turma traziam assuntos e problemáticas para debatermos e para trabalharmos por meio dos jogos teatrais. Isso se deu por meio do Teatro do Oprimido de Augusto Boal (1991). A contação de histórias propicia aos participantes a ampliação da imaginação, a construção de conhecimentos de palavras novas, a interação entre os colegas e a história contada e auxilia ainda em novas discussões, possibilitando a interpretação e a compreensão do texto através do resgate da cultura e de tradições (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

O jogo Seu Mestre Mandou foi levado ao turno da tarde. Ao levar essa atividade, pensamos em vários gestos e expressões que todos os participantes pudessem participar. Entretanto, no início, a pessoa que estava dando o jogo estava mais focada em gestos e movimentos corporais que não incluíam alguns participantes. Quando notei, acrescentei outros comandos que pudessem ser mais inclusivos, e ao dar o comando, Bianca e Ana fizeram de tal forma que as professoras notaram a emoção e efetiva participação das participantes, o que as levou a participar mais das atividades e esperavam ansiosas para os jogos, pois sabiam que iriam poder participar. Essa atividade além de ensinar a entender comandos, contribuiu para desenvolver diversas habilidades, entre elas a coordenação motora, a concentração, o cumprimento de tarefas, a atenção, a lateralidade, a linguagem corporal, a expressão facial e o raciocínio lógico de forma lúdica e inclusiva (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

No Dia das Crianças foi elaborada uma gincana com diversas atividades competitivas, que são atrativas para os participantes. A gincana é um jogo de cooperação e de competição no qual os participantes têm que cooperar entre si, havendo aceitação e relação com o outro, trabalhando por um objetivo em comum, isso estimula a valorização e a aceitação do ganhar e perder, contribuindo para criação de estratégias e conhecimento de seus sentidos e do seu corpo. A turma foi dividida em dois grupos, e cada um fazia uma das atividades, de modo que todos participassem. Havia um lugar com obstáculos e outro para o jogo das sensações, onde os olhos do participante estavam cobertos e ele precisava sentir, através do toque e descobrir o que era utilizando sua memória e os sentidos (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

O jogo do espelho foi feito para conhecer a consciência corporal dos participantes. O jogo do espelho contribui para a conscientização do seu próprio corpo, dos movimentos, do espaço e seus limites, auxiliando no desenvolvimento da atenção, concentração e na criatividade de movimentos e expressões corporais e faciais. A turma foi dividida em dupla e um ficou de frente para o outro. Um era o espelho e o outro era quem dava os comandos para o espelho seguir. André tem mobilidade reduzida nos braços e nas pernas, mas não precisa do auxílio da cadeira de rodas. Esse participante sempre participa de todas as atividades. Nesse jogo

notamos a interação dele com sua dupla e as saídas que ambos encontravam para se ajudar, para que a atividade ocorresse. André no início apresentou algumas dificuldades, até que encontrou formas em seus movimentos que representassem o que sua dupla estava pedindo. Durante o ano, André foi construindo maneiras de participar que não fossem desconfortáveis para si, nas quais podia participar ativamente como gosta. (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

A atividade do jogo musical "Ah tá tá", é a atividade que sempre temos que retomar, a pedido dos participantes. Ela auxilia na consciência corporal que é uma das habilidades que os participantes possuem, algo que notamos no desenvolvimento da escolha das danças já apresentadas nos festivais da APAE-OP. Boa parte dos participantes possui essa memória que os deixava tranquilizados em fazer algo que realmente gostam, que é dançar e estar no palco. Ah tá tá, favorece a memorização, ao lembrar dos passos, e ao mudar o gesto contribui para o raciocínio lógico, pois, o participante tem que se lembrar que o movimento naquela palavra não é mais a mesma do início. Ao decorrer do jogo é aumentado o nível para básico (lento), médio (rápido) e difícil (super rápido). Esse jogo contribui para o desenvolvimento e aprimoramento da coordenação motora e da consciência corporal que os participantes possuem. No início, os participantes apresentavam dificuldade ao executar. Ao fazer isso repetidamente, eles apropriaram-se dos movimentos, até que solicitaram para aumentar o nível. Atualmente, quando a atividade é proposta, é preciso que se faça duas vezes de cada nível, pois conseguem desenvolver muito bem a atividade sem precisar da repetição, por mais que se demore aplicá-la novamente, os participantes irão fazer perfeitamente (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Os jogos teatrais e os participantes

Os jogos teatrais e o teatro como instrumento podem auxiliar a quebrar paradigmas que rondam a pessoa com diversidade funcional. Conforme Matricarde (2021), a autora ressalta o papel da peça teatral “Os Saltimbancos” elaborada com os participantes no espetáculo anual da APAE-OP,

É possível pensar na interlocução dessa dramaturgia com a exclusão de pessoas com deficiência na sociedade, bem como nas desigualdades da própria sociedade que encerra as pessoas em situações de subalternização, menosprezo e, por vezes, inviabilizam suas presenças e desejos. Além disso, o conceito de capacitismo tem denunciado esta visão, uma vez que as pessoas com deficiência são extremamente cerceadas, e há sempre alguém

para dizer o que devem ou não fazer, como agir, sentir, por vezes, desumanizando-as. (MATRICARDE, 2021, p. 41)

Essas desigualdades para equipe ficaram ainda mais visíveis na pandemia da Covid-19, pois percebemos que os participantes e suas famílias, em sua grande parte, não eram alfabetizados, o que impossibilitava as atividades com comandos escritos. Descobrimos, também, que alguns não tinham acesso às tecnologias e à internet. Durante o ano de 2022, ao voltarmos ao presencial, entendemos a magnitude das aulas de teatro - Cia da Gente - para os participantes que chegavam ansiosos aos nos ver com a camiseta do Cia. Por mais que a maioria não nos conhecesse, a pergunta era “hoje tem teatro?” Esse questionamento é algo constante ao chegarmos na instituição ou aos participantes mandarem mensagens no grupo do Whatsapp. Podemos notar também a mesma pergunta no relato de Martins (2021)

“Hoje tem teatro?” é uma pergunta afetuosa e recorrente feita pelos estudantes da APAE¹¹. Após atuar por dois anos e meio nesse espaço e dialogar com grupos e pessoas que trabalham ou já trabalharam com o público da instituição, comecei a notar o quão importante são os incentivos artísticos na vida de cada sujeito ali presente. O público que a APAE atende consiste em pessoas com deficiência intelectual ou múltipla¹², sendo mais do que uma rede escolar, a instituição é também um espaço de compartilhamento e resistência, oferecendo apoio social, educativo, assistencial e cultural. (MARTINS, 2021, p. 06)

Como pontuei acima, a arte educação é necessária e seu incentivo, é de suma valia. Ao longo do percurso da equipe APAE-OP Cia da Gente na instituição percebemos essa relevância dos jogos teatrais, do teatro e do espetáculo anual no desenvolvimento da autonomia, comunicação e da interação entre os participantes e para seus corpos, os quais muitas vezes são negligenciados na sociedade que acaba por não incluir ou restringir o acesso. Martins (2021) ainda aponta a importância do Festival de Artes da APAE-OP, para a Pessoa com Deficiência (PcD), a autora diz que o festival

ressalta as habilidades dos estudantes, estimula a criação artística e atua como forma de resistência e empoderamento junto à luta que dialoga a favor do reconhecimento e dos direitos das PcD. Para além da apresentação, o processo da construção artística é um dos pontos mais importantes, pois mostra o quanto as PcD resistem e contam as suas próprias histórias através da presença no palco e na vida. (MARTINS, 2021, p. 07)

Desse modo, estimular os estudantes e fazer com que colaborem no andamento do espetáculo coopera para a autonomia e a interação em grupo. É crucial inserir pessoas invisibilizadas em locais de destaque, pois além de direito, propicia a reflexão sobre o quanto a arte educação pode ser potente. Em vista disso, as atividades propostas no decorrer do ano de 2022,

buscavam a autonomia e a comunicação dos corpos que possuem desejos, sonhos e uma memória corporal incrível. Trabalhar com esses corpos é entender a diversidade e atuar por meio das suas especificidades, fazendo com que seja algo prazeroso, incentivando essas pessoas a sentirem e olharem para além daquele espaço, que muitas vezes são limitados (relato CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Outra atividade desenvolvida ao longo do percurso, que merece destaque, foi a contação de história, a qual propiciou aos participantes momentos de escolha, aceitação quando a sua escolha não era a dos demais, escuta paciente, compreensão e interpretação o que a história estava dizendo. A contação de histórias não é simples, pois é preciso cativar os participantes e fazê-los imaginar e criar. Logo após a contação, fizemos uma oficina de desenho, por onde eles apresentavam aquilo que compreenderam da história e qual era o significado que ela trouxe para eles. Para isso, os participantes poderiam usar tinta, canetinha, lápis de cor, ou até massinha, cabendo a eles escolherem o que ficaria melhor para seu desenho. Notamos que, nesses momentos com folhas e opções de cores, os participantes que geralmente ficavam nas salas aparecem para participar, como uma participante que veio engatinhando para pedir folha ou o Daniel que ama cores (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Uma das histórias contada por nós tratava de uma mãe que vivia em um vilarejo longe da cidade e ao perder seus filhos ela luta incansavelmente até encontrá-los, dispondo de apenas uma panela de comida, a qual levava na cabeça, para alimentá-los. Esse texto trouxe várias discussões sobre o ambiente familiar dos participantes e a visão que eles tinham de suas famílias. A história vai além de só ouvir. Ela nos faz imaginar e refletir sobre o que acontece à nossa volta, o que ocorreu com os participantes na leitura. Cada um levantou alguma discussão sobre a história, sobre ética e sobre a sociedade, entendendo que as moças das histórias viviam em culturas diferentes das suas, o que os levou a elaborar questionamentos sobre as diversas culturas e povos pelo mundo.

Os jogos teatrais, como o espelho ou o musical, tinham como objetivo fazer com que o participante percebesse o outro, o seu espaço e suas restrições de até onde eu posso ir. Já o jogo do mestre, expôs a importância de se pensar os corpos e quais adaptações eram necessárias para que eles fossem incluídos. Não é o participante que tem que se adequar, mas sim o jogo, o qual precisa atender as necessidades de seus jogadores, propiciando autonomia e dignidade ao jogar sem ter receios e medo de ser exposto.

Cantigas de roda é outra atividade que os participantes geralmente participam e fazem questão de estar na roda ou dentro dela cantando e participando do seu modo. Conversamos com uma

das participantes do turno da manhã por meio das cantigas “não atirei o pau no gato”, “ciranda” e “se essa rua fosse minha”, sendo esse o momento de maior contato com ela.

Outro jogo que todos os turnos gostam é o da massagem com bolinhas, na qual um tem que fazer no outro. No jogo eles pedem permissão aos seus parceiros e um dos bolsistas auxilia no comando enquanto os outros participam com os participantes, ou intervém, quando possuem alguma dificuldade (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Os jogos colaboram para quebrar barreiras, nos levando, além de jogar, refletir sobre a sociedade e seu papel em determinados assuntos que surgem durante as atividades. Os jogos teatrais e musicais permitem que os participantes expressem suas opiniões que muitas vezes não são pedidas ou consideradas. Seus sonhos e desejos aparecem quando levamos a pergunta “O que eu quero ser quando crescer ou me formar?” Nos jogos eles podem ser quem são e comunicar-se da maneira que for possível ou desejarem, mesmo que o som de suas vozes sejam incompreendidos, como o movimentar de seus corpos e olhos (CIA DA GENTE - APAE/OP 2022).

Conclusão

Conclui-se que a arte educação é uma grande potencializadora quando usada adequadamente no processo de ensino e aprendizagem do participante com diversidade funcional, contribuindo para a autonomia, comunicação e uma educação de qualidade e inclusiva. Refletir e pensar em maneiras de acessar o participante sem o desconsiderar ou só integrá-lo, mas levando meios para que eles expressem por si aquilo que desejam. Dessa forma, é importante conhecer os participantes, suas necessidades, especificidades e interesses, o que pode ser trabalhado de forma a instigar os atendidos no processo, aguçando-os por meio das atividades criativas, lúdicas e dinâmicas.

O relato e a experiência vivenciada no projeto de extensão Cia da Gente oportunizam vivências e recordações valiosas para mim, pois nesse percurso eu pude aprender um pouco mais sobre cada sujeito atendido pelo projeto, por meio do olhar e da vivência deles. Saio mais reflexiva e questionando sobre a sociedade e seu modo de se relacionar com as pessoas com diversidade funcional, me fazendo pensar desde meios de locomoção como espaços, e transportes como também sobre a visibilidade que eles têm ou não.

Por fim, apresento esse relato com a intenção de fazer notar as Biancas, as Anas, os Josés, os Paulos e os Andrés que estão em todos os lugares. Encerro escutando-os a si e aos seus sonhos: a Bianca queria ser cientista, mas atualmente decidiu que quer ser bailarina, assim

como a Ana, que ama rosa; o André tem o sonho de tocar violão, ser ator e estudar teatro; o José quer ser caixa em um supermercado grande e ama esportes; e o Paulo que está ansioso para tirar a carteira de motorista para ser motorista de ônibus algum dia. Finalizo minha escrita com esses sonhos, que a partir deles novos relatos se iniciam.

REFERÊNCIAS

Arquivo, Ugvieira. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil. 2010.** Disponível em: <[História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil - YouTube](#)>. Acesso em: 13 set. 2022.

BARROS, Marta Silene Ferreira et al. Arte e Educação: o teatro como recurso metodológico no trabalho pedagógico na alfabetização. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1205-1216, 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Planalto, 2015.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro.** Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira S. A., 1982. 123 p.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; MENDES, Enicéia Gonçalves. História da Educação Especial: Em busca de um espaço na história da educação brasileira. **Anais. VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**, 2006.

CASTORINA, José A.; CARRETERO, Mario. Desenvolvimento Cognitivo e Educação: O Início do Conhecimento-Volume 1. **Penso Editora**, 2014.

Cia da gente 15 anos abraçando a sociedade com afeto, arte e educação. Cia da Gente. 2020. **Revista Cia da Gente.** Disponível em: <<https://site.gorceix.org.br/download-jornal-informativo/f332d6ebf5c75f1992168f07f8a6dedc73215>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

DE SOUZA CANOVAS, Daniela; POSTALLI, Lidia Maria Marson; DE SOUZA, Deisy das Graças. Classes funcionais e de equivalência derivadas de linha de base de discriminações simples e condicionais em crianças. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 6, n. 1, p. 9-36, 2012.

DE ARAUJO, Everton Lampe; DA SILVA, Carlos Alberto Ferreira. **Educação especial e teatro contemporâneo: o processo criativo de De Lagarta à Borboleta, um vôo pela diversidade e pela autonomia em práticas relacionais.** 2020. DA Pesquisa, v. 16, p. 01-13.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Editora Paz e Terra, 2014.

FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin; FLORES, Fabio Fernandes; DE ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

FUNDAÇÃO GORCEIX. **Revista de Responsabilidade da Fundação Gorceix**, v. 02. Ouro Preto, 2017.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GANERI; ANITA. **Conto de fadas para garotas corajosas / Recontado por Anita Ganeri; Ilustrado por Kloa Le; Tradução de Fabiano Flaminio**. -Brasil: Pé da Letra, 2021. 128 p. / il., color.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 1988.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso**. Lucerna, 2006.

GONÇALVES, Marcelo; VILELA, Isabela. **Entre conquistas e desafios, a APAE de Ouro Preto completa 40 anos**. Disponível em: <<https://www.agenciaprimaz.com.br/2022/11/27/apae-de-ouro-preto-40-anos/>>. Novembro de 2022. Acesso em 22 de janeiro de 2023.

LOBATO GALINDO, M.; ROMANACH CABRERO, J. **Diversidad funcional, nuevo término para la lucha por la dignidad en la diversidad del ser humano**. 2005. Disponível em: <<http://forovidaindependiente.org/diversidad-funcional-nuevo-termino-para-la-lucha-por-la-dignidad-en-la-diversidad-del-ser-humano/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer**. 1ª edição. São Paulo, SP: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Os sentidos da diferença. **Inclusão Social**, v. 4, n. 2, 2011.

MARTINS, Milena de Souza. **A relação entre deficiência e autonomia no processo do espetáculo "Os Saltimbancos": vivência artística-educativa na APAE-Ouro Preto**. p. 01 - 27. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes Cênicas. Universidade Federal de Ouro Preto. 2021.

MATRICARDE, Isadora. **Pessoas com deficiência e vivências teatrais: a Apae de Ouro Preto e o projeto Cia. da Gente**. p. 01 - 60. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Artes Cênicas. Universidade Federal de Ouro Preto. 2021.

PEREIRA, Ray. **Anatomia da diferença: normalidade, deficiência e outras invenções**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1ª edição, 2008.

PEREIRA, Ray. Diversidade funcional: a diferença e o histórico modelo de homem-padrão. História, Ciências, Saúde – **Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, jul.-set. 2009, p.715-728.

PEREIRA-SILVA, Nara Liana; FURTADO, Adelaine Vianna; ANDRADE, Jaqueline Ferreira Condé de Melo. A inclusão no trabalho sob a perspectiva das pessoas com deficiência intelectual. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 1003-1016, 2018.

PLETSCH, Márcia Denise. A escolarização de pessoas com deficiência intelectual no Brasil: da institucionalização às políticas de inclusão (1973-2013). **Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, p. 1-25, 2014.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editora Massangana, 2010. 142 p. (Coleção educadores).

SILVEIRA-MAIA, Mónica; LOPES DOS SANTOS, Pedro. Práticas em Educação Especial à Luz do Modelo Biopsicossocial: O Uso da CIF-CJ como Referencial na Elaboração dos Programas Educativos Individuais. **Anais. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia**, 2010.

SOUSA, Raiane Pereira de; FERNANDES, Maria Aparecida; SOUSA, Célia Camelo de. **Maria Montessori: sua vida e contribuições para a educação**. 2014.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin**. Editora Perspectiva, 2001.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.